Entrevista de **Ana Cristina Câmara** e **Vítor Rainho**
Fotografias de **Jorge Simão**

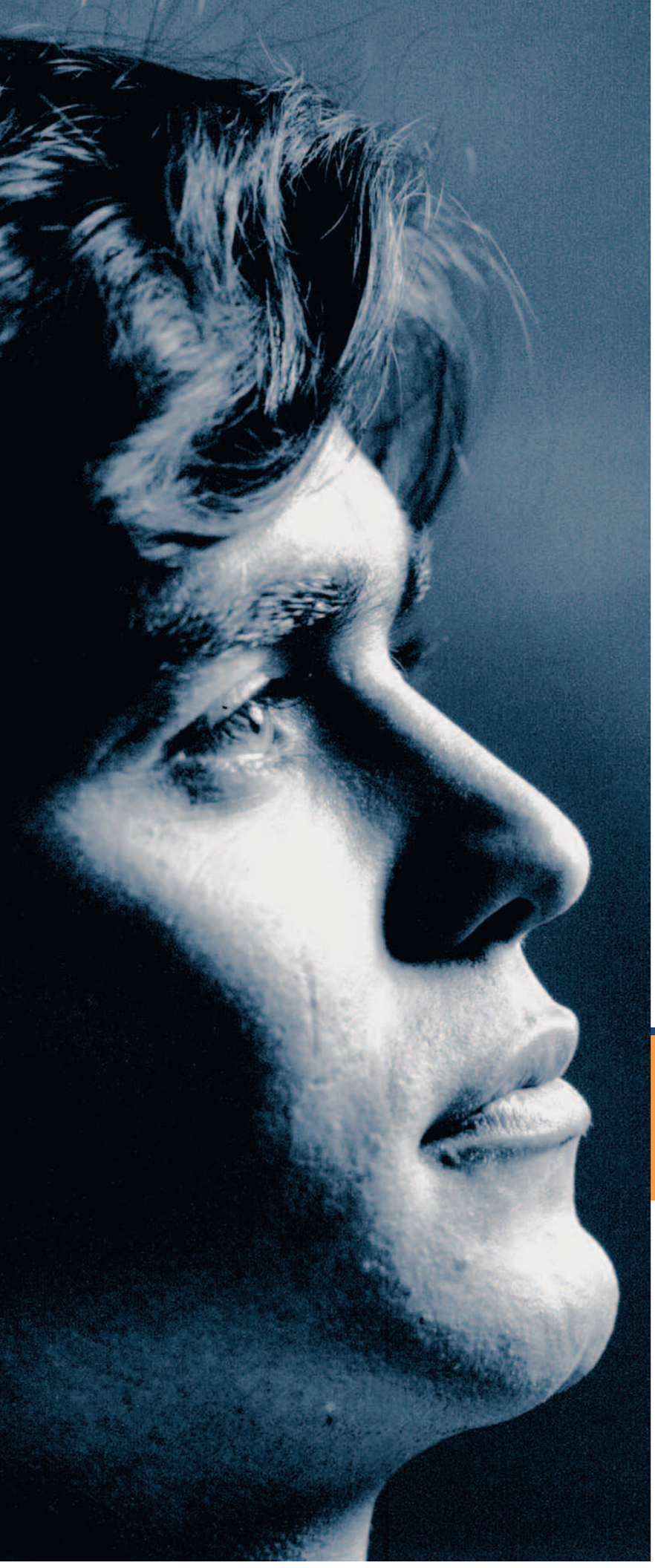
"Vivi como se não houvesse amanhã"

Daniel Carvalho ficou Dani para o futebol. Jogou em Portugal, Inglaterra, Holanda e Espanha até deitar a toalha ao chão, aos 27 anos. Como a bola não vivia de acordo com ele, trocou-a pela TV

Para o público, o Dani é um jogador de futebol que apresenta um programa na televisão. O futuro não passa pelo futebol?
Não. Nunca vivi de acordo com o futebol. O futebol é que tinha de viver de acordo comigo. Tenho a perfeita consciência que podia ser muito mais, mas não era feliz.
Não sente falta de ter feito uma grande competição?
Ganhei alguns títulos. Mas o que interessam os títulos? Para inglês ver? Os meus títulos são a forma como encarei a vida e como sempre fui: amigo dos meus amigos, presente para a minha família.
Vai voltar a jogar?
Não sei.
Foi por começar a jogar aos 8 anos que diz isso aos 27?
Provavelmente. Se aos 14 anos já tinha dito que não queria... pensei isso montes de vezes, mas também gosto de jogar à bola, adoro o futebol. Só que para mim o futebol era outra coisa. Era um «hobby», não uma profissão. Não conseguia jogar bem sob as condições que me impunham. É claro que se um gajo sair todas as noites, sem dormir, uma vida louca, não pode ter o mesmo rendimento que os outros. Mas um jogador feliz é a melhor coisa que se pode ter, especialmente um jogador criativo, que marque golos, que viva o futebol de outra forma. Se a cabeça não estiver a funcionar bem, as coisas não saem. Há alguns que conseguem abstrair-se e submeter-se a essa condição de vida: parecem máquinas. Eu não era capaz.
Do que se arrepende?
De ter faltado a treinos, de ter tido atitudes irresponsáveis em momentos que não eram os apropriados, mas, no fundo, a única forma de eu ser feliz foi como vivi.
E como viveu?
Lived life to the moment (vivi a vida intensamente).
Estamos a falar da sua vida desportiva.
Na minha vida pessoal e desportiva vivi like there's no tomorrow (como se não houvesse amanhã). Abraçava a vida, o mundo, não pensava em amanhã. Era hoje.
Volte ao hoje de há quase 20 anos, quando foi descoberto por Aurélio Pereira em Tróia.
Aos oito anos fui ao Sporting fazer os testes que eles tinham no início do Verão. Mas nem me deixaram treinar e disseram que tinha de voltar aos 10. Fui de férias com os meus pais para Tróia. Era sempre o puto que tinha a bola — normalmente tinha que ter a bola para poder jogar. Senão, mandavam-me para a baliza ou diziam que não podia jogar. O Aurélio Pereira, que era e ainda é o olheiro do Sporting,

Para mim o futebol era outra coisa. **Era um «hobby», não uma profissão**. Não conseguia jogar sob as condições que impunham

JUST Cavalli



viu-me e pediu-me para dar uns toques na bola. «Posso falar com o teu pai?» E combinaram que eu ia ao Sporting, sob a responsabilidade dele. Nesse Verão fui... e fiquei.

Onde jogava?

Jogava com os infantis, que eram dos 10 aos 12 anos. Os treinadores eram o César Nascimento e o Osvaldo Silva. Foi o Osvaldo Silva que me pôs a alcunha: Dani. O menino Dani. Fiz três anos e meio de infantil, dois como capitão de equipa e a jogar sempre como lateral esquerdo. Depois é que fui subindo de posição.

Dessa fase, além do futebol, do que se lembra?

Era um miúdo normal. Vivia no Cacém com os meus pais. O meu pai é professor de Filosofia, a minha mãe é médica e tenho uma irmã dois anos mais nova. Estudava em Queluz de manhã, almoçava em casa da minha avó, fazia os trabalhos de casa das duas às quatro e depois ia para a praceta jogar à bola com os amigos. Só que a partir do momento em que comecei a jogar no Sporting não podia ir para a praceta, tinha que apanhar o comboio, o autocarro e ir para os treinos. Nos primeiros dois ou três anos, tudo bem, mas lembro-me que aos 13, 14 anos, já nos iniciados, disse ao meu pai: «Não quero ir mais para o treino, quero é estar com os meus amigos». O meu pai disse que uma pessoa tinha de fazer sacrifícios e nesse dia e em mais dois ou três levou-me ao treino, até eu voltar ao ritmo. Mas fiquei sempre com esse bichinho dentro de mim, de não ter tempo de desfrutar da minha vida. Os treinos eram quatro vezes por semana e jogávamos ao fim-de-semana. Depois fui para os juvenis, com 15 anos, e a partir daí começou a selecção.

Aos 15 anos estava decidido a ser jogador?

Não, porque as coisas aconteceram muito depressa e, sinceramente, não pensava nisso. Até aos 16, 17 anos, nunca pensei que o futebol ia ser a minha vida. Mas começo a ter no Sporting um subsídio de alimentação, de 70 contos e pagavam o passe. A maior parte dos meus colegas vinha de famílias muito pobres, com imensos irmãos. Não estudavam e o que eles ganhavam era para ajudar a família. Para mim não era um salário, deixava-o estar no banco porque não precisava, tinha a mesada.

ALBERTO FRIAS

Foi o treinador Osvaldo Silva que me meus pais iam de férias em Agosto e eu

Qual foi o primeiro contrato?

A meio dos 15 anos, fui à selecção de Sub15, ao Torneio do Algarve, e fui considerado o melhor jogador. Levaram-me logo ao Campeonato da Europa de Sub16 e o Sporting ofereceu-me o primeiro contrato: 250 contos por mês. Aí começaram as dificuldades todas.

Como assim?

Não era conhecido a nível nacional, mas os jogos da selecção já davam na televisão, saíam nos jornais as notícias e na escola toda a gente sabia porque tínhamos estágios de duas semanas e eu faltava às aulas. Só que estudava na escola onde o meu pai é professor há 30 anos. Na minha aula os crânios ajudavam-me em tudo, as professoras tinham um carinho especial por mim.

E as miúdas?

Nunca foi uma coisa muito importante porque sempre brinquei com as miúdas todas, via a mais gira da escola, ia atrás dela, mesmo estando ela no 12º e eu no 9º...

zia trinta por uma linha.

Um puto reguila...

Traquinas ao máximo! Os meus amigos todos roubaram o carro aos pais! Desde os 16, 17 anos. Eu estou a contá-lo. Só que sou uma figura pública e as pessoas se calhar vão-me criticar por causa disso. Mas todos o faziam!

Quando começa a fama?

Quando regresso do Mundial do Qatar — que correu superbem, ficámos em terceiro lugar, fui o segundo melhor marcador e jogador — fui sair com os meus amigos. Cheguei à Kapital, um sítio onde ia desde os 15 ou 16 anos, e ninguém me di-

com a Rita Ferro Rodrigues, que tinha conhecido há pouco tempo e estava doido por ela. Às 8 da manhã apanhei um avião de volta para Lisboa para ir treinar. Estou a fazer o «check-in», tinha um daqueles chapéus de surf, grandes, estava meio a dormitar, e olho para o lado e vejo Santana Lopes e dois vice-presidentes a fazer o «check-in». Parecia um filme. As hospedeiras escondiam-nos... e ele não me viu!

Com essa maneira de viver meteu-se em algumas situações complicadas.

Sim, como no jogo do Sporting em Israel. Íamos treinar

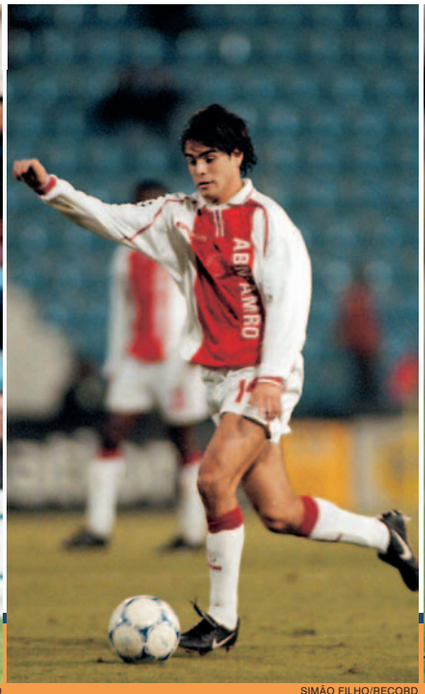
pelado, e o treinador e os meus colegas diziam: «isto é uma maravilha! Temos 30 jornalistas no treino». Fartei-me de sofrer até ao Nelo Vingada me levar aos sub-21.

Quando foi isso?

Voltei para os juniores e tivemos um jogo de apuramento para o campeonato da Europa de sub-21. Jogamos na Maia e sou posto a titular. Nessas situações, tive muitas vezes uma estrelinha lá em cima. Ganhá-

Da esquerda para a direita: Dani com Sá Pinto e Dominguez no Sporting, no West Ham, no Ajax, no Benfica e no Atlético de Madrid, onde terminou a carreira

RECORD



SIMÃO FILHO/RECORD

PAULO CALADO/RECORD

NUNO VEIGA/RECORD

pôs a alcunha: Dani. O menino Dani. Mais tarde, com os meus 15 anos, os roubava-lhes o Peugeot 205 para ir aos treinos, de manhã e à tarde, a Alvalade

O que o marca, além de jogar futebol e conquistar umas miúdas?

Lembro-me de me dar com os mais malucos. Os meus pais iam de férias em Agosto e eu nessa altura já estava a treinar, ou seja, ficava duas semanas sozinho em casa. Tinha 15 anos e roubava o Peugeot 205 deles e e ia para os treinos, que eram de manhã e de tarde.

O Sporting não dizia nada?

Estacionava o carro longe, fazia nada, e de repente começa a vir toda a gente «Dani, Dani, és o maior...» A partir do momento em que fiz a primeira asneira, cada vez que saía era «O que estás aqui a fazer?!»

À noite cruzava-se muito com o seu presidente, Pedro Santana Lopes?

Sim e não. Mas tive umas histórias... Fui ao Algarve — estava nos seniores do Sporting há pouquíssimo tempo — de avião com um amigo meu, ter na terça e apanhar o avião só que na segunda era o aniversário de um dos meus melhores amigos. Quando cheguei ao estádio a equipa tinha acabado de sair no autocarro para o aeroporto. Foram os piores 20 minutos da minha vida, desde o momento em que acordei, apanhei o táxi e fiz o caminho para o estádio. Foi uma angústia. Tinha 17 anos. Voltei para os juniores, nessa altura os juniores ainda treinavam num

mos 2-0, fomos apurados para o Campeonato da Europa e eu marquei os dois golos. No dia a seguir, a primeira página dos desportivos era: «E agora professor, o que vai fazer?» Voltei para a primeira equipa. Santana Lopes ganhou as eleições e pouco tempo depois sou convocado com os meus pais para uma reunião, com a direcção, numa mesa de 30 e tal metros. Eles dizem-me: «A tua vida social é muito activa

em Portugal». Tinha acabado de fazer 18 anos. «Tens que ir seis meses para o estrangeiro para ver se isto acalma». As possibilidades eram Valência e West Ham. Londres! «Vocês dizem que a minha vida social é muito activa em Portugal e vão mandar-me para Londres?» No West Ham ganhava-se à semana. Já tinha um bom contrato em Portugal e fui ganhar três ou quatro vezes mais.

Quanto?

Fui para Londres ganhar 1000 contos por semana, com um duplex lindo, ao lado da London Bridge, tudo pago por eles. E como não tinha carta de condução arranjaram-me um motorista num Jaguar, 24 horas por dia. Eu pensava: «Esta gente está doida? Então em Portugal é que a minha vida social é activa?»

Começou a perder-se...

Quando cheguei a Inglaterra os jornais publicaram logo: «Lock up your daughters! Dani has arrived!» (Escondam as vossas filhas! O Dani chegou!) Nos primeiros três meses que estive em Londres os jogadores, ao fim-de-semana, depois do jogo, saíam. Eles lá saem muito. E eu dizia «nem quero conhecer», já sei como sou. Mas era o próprio clube que ligava para as discotecas, os «clubs», e punha os nossos nomes na «guest list». O Redknapp dizia-me: «Vai sair, vai divertir-te!», o meu treinador!

Então o que fazia?

Conheci bem Londres. Ao princípio andava lá sozinho e vi os musicais todos: **Miss Saigon**, **Cats**, **O Fantasma da Ópera**... Aliás, fui ver o **Miss Saigon** com o José Veiga e o Santana Lopes. O Veiga quase a adormecer...

E o West Ham?

Passados três ou quatro meses, a equipa, que estava mal, no 16º lugar em 18 equipas, subiu para o 8º lugar, já não podia descer de divisão nem ir à UEFA ou à Champion's League. O primeiro jogo que fiz foi contra o Chelsea, o Gullit era o capitão deles. Estava 1 a 1, há um canto, o guarda-redes defende, a bola bate-me na cabeça, golo. No dia seguir já era o «Dani boy», «Danimite». Fiz uma série de jogos bons, pusemos a equipa lá em cima, faltavam três ou quatro meses para acabar e havia o Europeu de 96 em Inglaterra. O António Oliveira leva-me à selecção pela primeira vez, treino em Paris e chego ao West Ham e digo que tenho de continuar a jogar até ao fim da época porque o Oliveira me leva ao Europeu se continuar assim. E o treinador, o Redknapp, diz-me: «Desculpa lá, mas o teu preço subiu imenso, queremos comprar-te no fim da época — em Inglaterra é como na bolsa, se estás em grande o teu preço é alto, se não estás a jogar o teu preço baixa — e nestes dois ou três meses não te vou pôr a jogar para te poder comprar». Deparei-me com uma situação que toda a gente dizia que existia — que o futebol é uma máfia

Em Londres ganhava mil contos por semana, vivia num duplex lindo. Como não tinha carta arranjaram-me um **Jaguar com motorista, 24 horas por dia**

— e que eu não via, era super-ingénuo nessas coisas. Pensei «isto não vai a bem, vai a mal». E foi a mal.

O que é ir a mal?

Comecei a sair, a ir a todo o lado, fui às «premières» dos filmes — Brad Pitt, Bruce Willis, as estrelas todas.

Como começou a conviver com essas personagens?

onde só se entrava com uma senha falada.

Também entrou na publicidade com a Armani.

Comecei a fazer imensa publicidade. Já tinha um «book» organizado pela Select Models, depois de o Tó Romano ter contactado com eles. Se queriam fazer uma entrevista comigo com fotografias — não

20, 25 mil contos.

O que fazia ao dinheiro?

Imaginem que ganhava 15 ou 20, ficava com dois ou três comigo e o resto vinha para Portugal para investir.

E divertia-se?

Gozei imenso! Fartei-me de viajar em primeira classe. Por exemplo, para ir a Paris: conhecia uma mulher linda, era

Fui a um stande da Porsche e perguntei se tinham um Carrera 4 Cabrio. Tinham. «Quando podem entregá-lo?»

Era uma loucura, adorava. Havia a «première» no Planet Hollywood, com o tapete vermelho e aquelas coisas, víamos o filme, fotografias por todo o lado, os famosos todos. E depois vinham dizer aos relações públicas de cada um a senha, como «amanhã vai chover»: eram as festas privadas que vinham a seguir e

havia essas coisas de ir para um parque tirar fotos... — tinham de as comprar: para uma capa, 800 contos, para dentro, 400 contos. Cada fotografia.

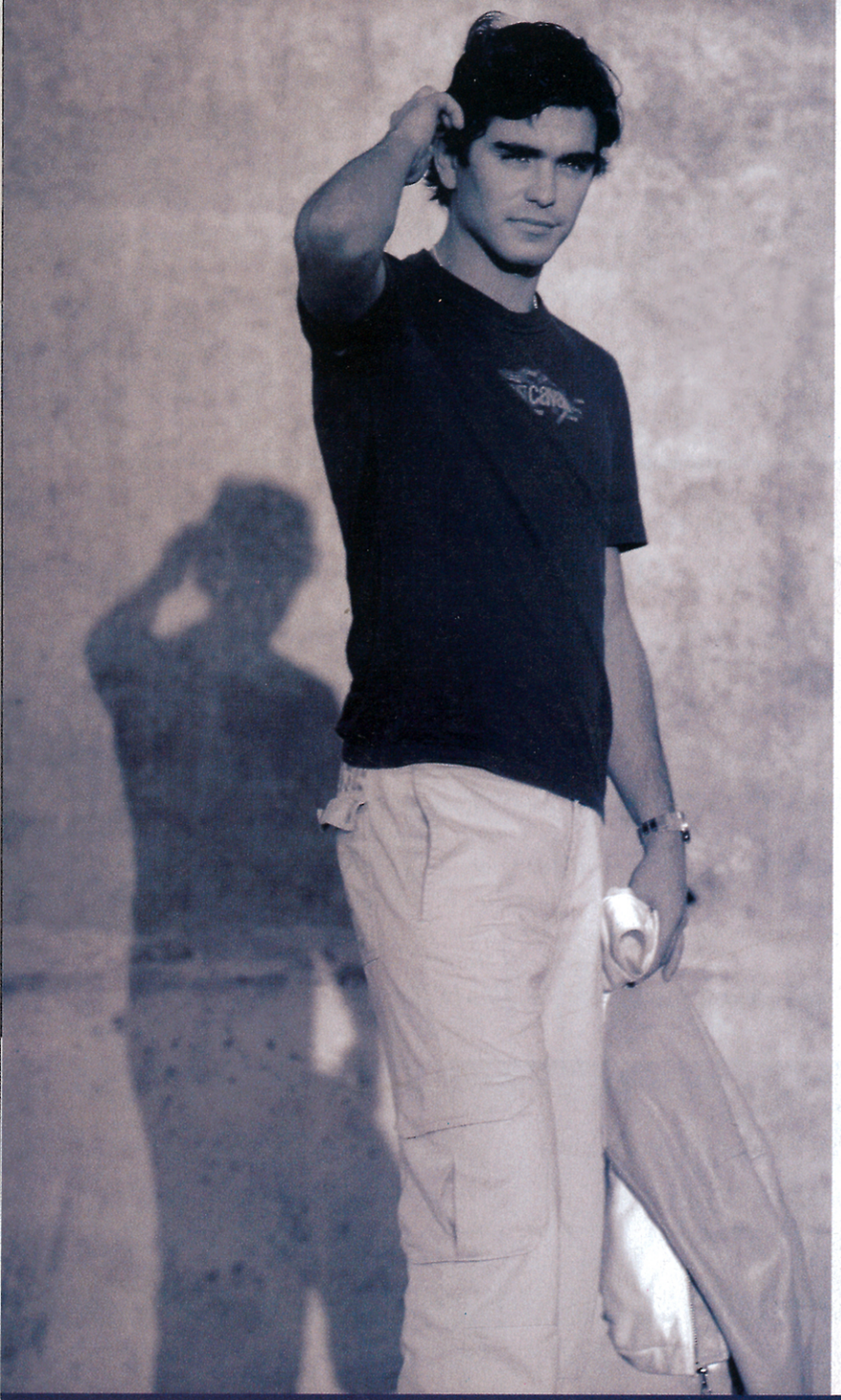
Quanto valia um contrato de moda?

Um anúncio de televisão durante seis meses, para aparecer algumas vezes dava uns

novo, pensava «agora é altura de fazer isto, não daqui a 10 anos quando for casado».

Qual foi a loucura mais cara?

Quando cheguei aos 19, 20 anos e já tinha algum património, tive o meu último treino no Ajax, em Junho, e ia de férias. Entrei num stande da Porsche e perguntei se tinham um Carrera 4 Cabrio



guntaram-nos onde estávamos a dormir. Dissemos que no Monte Carlo Beach Hotel. «Com os vossos pais?» «Não, não, sozinhos». Elas não acreditaram. Os quartos lá eram uns 250 contos por noite.

Antes de ir para a Holanda veio do West Ham para o Sporting — muito mais disciplinado (risos). E é vendido ao Ajax.

Sim, fiquei uns dias e fui para a Holanda. Sabia do interesse do Ajax há imenso tempo, mas foi tudo muito rápido. As coisas que me aconteceram, os passos que dei, nunca foram pensados. Eram coisas que de repente apareciam. Mas ia estar a pensar em quê?

Em Amesterdão foi notícia pelas festas que deu.

Em Amesterdão, às três, quatro da tarde é de noite. As pessoas jantam às seis e às oito e meia, nove horas, está tudo a dormir. Eu jantava às nove. E tinha uma mesa de «snooker» em casa e jogava à noite. As bolas caíam nos buracos e os vizinhos diziam que estava a jogar à bola em casa!

Havia mais do que isso...

No princípio não, era isso. Ia à casa de banho, a meio da noite, puxava o autoclismo e eles vinham bater-me à porta! Às vezes tinha pessoas em casa, mas não eram as festas que eles diziam.

beça e mandado uma bola à trave. Fui o melhor em campo. E depois de uma das experiências mais fortes que tive na vida, uma noite espectacular, queria celebrar à grande e fui para o hotel dormir.

Chega a Amesterdão e a assistência feminina aumenta loucamente: como convive com isso?

Nessa noite percebi que tudo o que fizesse não ia valer de nada porque não podia compartilhar com as pessoas que queria. Estava sozinho. Então comecei a sair, a conhecer gente. As mulheres holandesas são completamente diferentes das portuguesas. Enormes, muito giras e com outra mentalidade, para a frente, conversavam.

Em Amesterdão como era a sua vida?

Os holandeses são super-responsáveis, mas também o povo mais alegre, mais louco que já conheci. Eles têm sol durante um mês ou dois, mas repartidos no ano inteiro, então quando há sol ninguém trabalha, estão todos nas esplanadas, na praia.

Nos «coffee-shops»...

Toda a gente fuma, toda a gente quer experimentar. Compras os charros já enrolados e andas na rua a fumar e ninguém te diz nada porque toda a gente está a fazer o mesmo.

Em Amesterdão toda a gente fuma, toda a gente quer experimentar.
Compras os charros enrolados, andas na rua a fumar e ninguém te diz nada

azul. Tinham. «Quando é que mo podem entregar?» «Assim que puser aqui o dinheiro». Na Holanda os impostos são mais altos do que aqui e acho que gastei mais uns três ou quatro mil contos do que se fizesse as coisas devagar. Liguei para o meu pai e pedi o número das contas para transferir o dinheiro, ele não queria e eu disse-lhe: «Pai, quando era puto e via um gajo num Porsche pensava que adorava poder ter um. E via nos filmes os tipos entrarem num 'stand' e saírem de lá com um Porsche». Foi o que fiz.

E outro tipo de loucuras?

Sair do treino, ter dois dias de folga, de surpresa, e arrancar com o meu primo para o Mónaco, para a Fórmula 1. Gastei quatro ou cinco mil contos em dois dias. Às três ou quatro da manhã estávamos no bar da Stéphanie, a conversar com duas miúdas, e elas per-

E quando começou a jogar?

Passados dois meses o Van Gaal convocou-me para a Liga dos Campeões. Um dia antes do jogo foi ao meu quarto e disse: «Pus o Seedorf a jogar aos 16 anos, o Kluivert aos 17, e tu vais ser titular amanhã». Era contra o Glasgow Rangers, a imprensa inglesa ia lá estar toda. O Van Gaal disse-me para entrar na área, que ia marcar. Aos 30 minutos tinha marcado dois golos de ca-

«Peace and love», tudo na boa, tudo a rir.

Foi no Ajax que começou a perder encanto pelo futebol?

Não, aí ganhei imenso encanto pelo futebol. As pessoas iam ver os jogos como se fossem ao teatro, sem confusões, com parque de estacionamento... Encontrei uma mentalidade aberta, em que és um jogador de futebol, mas também és uma pessoa. Não impunham as regras.

Por que quis vir embora?
Estive lá quatro anos, fui muito jovem para lá, e com 23, 24 anos, pensei que tinha estado em Londres, em Amesterdão, em culturas diferentes da nossa e tive saudades.

Voltou para o Benfica, com um ordenado fabuloso, fez alguns jogos e saiu.
Pensei em deixar o futebol pelo sofrimento que causava à minha família. Saí do Benfica com um litígio com Vilarinho que ganhou as eleições com três ou quatro promessas: o Toni, o Roger, o Luisão e isso causou uma incerteza comigo e com o Mourinho, especialmente. À primeira hipótese ele queria mandar-nos embora.

E a primeira hipótese foi a tal farra no hotel em Lisboa com outros jogadores?
Isso foi apenas o que Vilarinho aproveitou para entrar em litígio comigo. Perdemos um jogo, fiz uma farra e a direcção viu a coisa como se eu tivesse ido celebrar a derrota. Não foi nada disso. Tinha perdido, estava lixado com isso, mas em vez de ir para casa, deitar-me na cama e ficar três ou quatro horas a pensar no golo que falhei, no passe que falhei, estive com uns amigos. Paguei por isso. Estive um ou dois meses sem jogar até aparecer o Futre e convidar-me para o Atlético de Madrid.

Em Madrid também teve problemas?
Em Madrid voltei a amar o futebol. Os primeiros seis meses foram difíceis porque o clube estava mal, o Paulo Futre fez um trabalho espectacular, acreditou em mim. No segundo ano em que estávamos na segunda divisão, o Futre montou uma grande equipa, conseguimos subir.

Não havia farras em Madrid?
No fim dessa época em que subimos de divisão tivemos excessos. Uma vez faltei a um treino, estava com uma miúda lindíssima, muito cansado, e não consegui mesmo ir ao treino. O Aragonés, o treinador, começou a telefonar lá para casa, tive que desligar os telefones todos, dar ordens para os porteiros não o deixarem entrar. E ele foi mesmo lá à porta do condomínio! Estava furioso porque ele queria sempre que aparecêssemos, mesmo que depois nos mandasse para casa. Apareci no dia seguinte, argumentei que já tínhamos subido de divisão.

Como se dá a sua saída?
Tinha um contrato de um ano e promessa de mais três se me portasse bem e jogasse bem. Aceitei o risco, a ganhar pouco. Subimos de divisão, fizemos um grande campeonato, tenho os três anos de contrato e na época seguinte o presidente começa a meter a mão na área do Futre, salários em atraso era o pão-nosso de cada dia. O Futre rebentou e foi-se embora, o Aragonés deixou de me pôr a jogar. Ao fim de um ano rescindi, chegámos a acordo. Tive convites, mas em Madrid estava mesmo perto de Portugal, estava bem, e não quis ir para outro sítio.

Há uma coisa curiosa no seu percurso: tem a noção que podia ter ido mais longe e não se arrepende de não ter ido. Como se vê no futuro?
Não faço a mínima ideia. Sempre me precavi na parte do dinheiro. Mas se amanhã tiver que ir trabalhar vou.

Agora está a ter uma experiência televisiva no programa «Vive o Euro 2004».
Chego a Lisboa e o Nuno Santos estava há duas ou três semanas a tentar contactar-me. Encontrámo-nos, fiz um «casting», conversámos durante 10 minutos, chegámos a um acordo e começou o programa, que tem entrevistas aos jogadores, fala de tudo o que faz funcionar o Euro-2004, como os hotéis onde vão ficar hospedadas as selecções, as pessoas que trabalham nos hotéis e nos estádios e que são menos visíveis mas que vão fazer funcionar o Euro. Tudo.

Fala muito «à espanhol».
Tenho uma professora para me tirar o sotaque e a entoação. Estive 10 anos no estrangeiro e os primeiros cinco só falava inglês. Nos últimos três só falava espanhol. Sinto uma certa dificuldade em habituar-me a falar um português correcto.

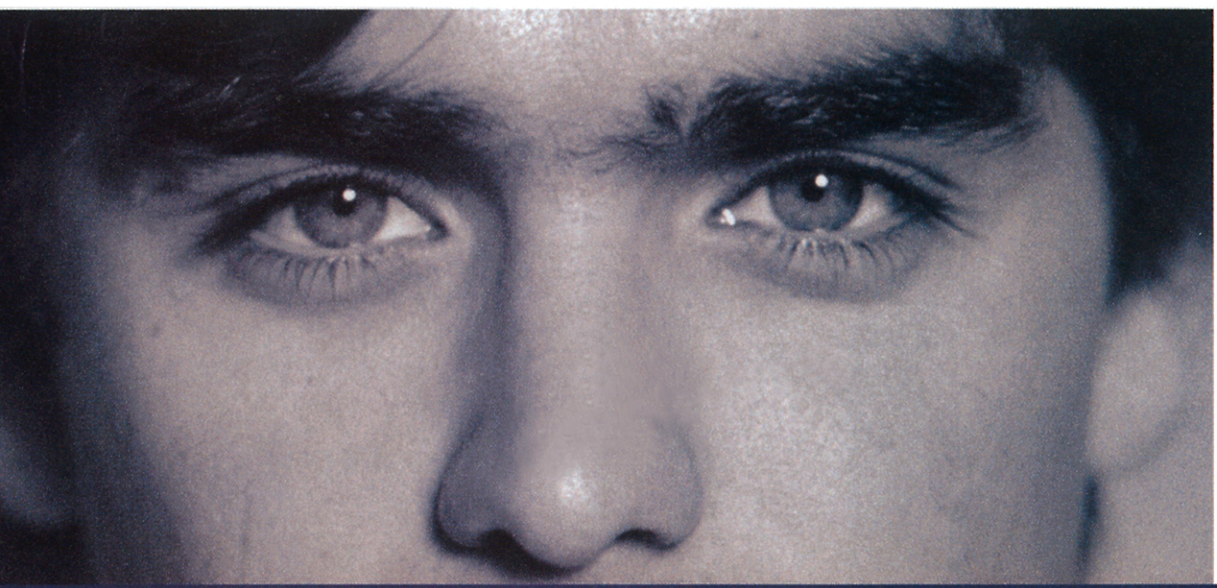
E de futuro? Modelo, jogador de futebol, apresentador?
Apresentador não vou ser. Gostava imenso de continuar na televisão, a fazer um pouco de tudo, mas não especialmente voltado para o futebol. Gostava de ser actor.

Vai fazer alguma coisa por isso?
Vou para a New York Academy School of Acting, assim que acabar o programa. É um curso de seis meses e ajuda bastante.

Não tem medo que a estrada da vida seja curta para si?
Viro à direita. Se for um beco sem saída, olha...

Como lidam os seus pais com a sua vida?
Sofrem imenso porque têm outra forma de viver. Compreendem e dão-me imenso carinho e apoio. Mas acham que sou muito impulsivo, que não penso muito.

E têm razão?
Têm razão... porque não penso muito, mas já me conhecem e sabem como é que eu sou feliz. E os meus pais sabem que nós não temos de reger a nossa vida por aquilo que os outros pensam ou dizem de nós. Não me importa o que as outras pessoas dizem.



Os meus pais sabem que não temos de reger a nossa vida por aquilo que os outros pensam de nós. **Não me importa o que as outras pessoas dizem**